

O indivíduo e a comunidade na relação com as questões da violência e do medo: a busca da construção de novos espaços de civilidade e cidadania na modernidade - *status* de humanização ou desumanização?

The individual and the community in relation to violence and fear issues: a search for developing a new space for civility and citizenship in modernity – a status of humanization or dehumanization?

Ericê Bezerra CORREIA¹

Resumo: A construção de uma identidade social se consolida em espaços, onde se acentua uma série de valores constituídos de características próprias de cada grupo social. Isto se reflete, por sua vez, no "modus vivendi" e no credo que se estabelece, criando uma relação indivíduo-espaço peculiar às instâncias de vida da modernidade. Assim, este artigo tem como objetivo fazer uma análise a partir de que fatores e elementos se possam construir e fazer renascer espaços de civilidade e cidadania na modernidade, diante de aspectos como a violência, a exclusão e o medo, estudados na Geografia como aspectos de caráter humano e social. Busca caracterizar que a esfera central dessa questão para a construção e renascimento de espaços de civilidade e cidadania se consubstancia, na modernidade, a partir do indivíduo, indo para a comunidade, cidades, países e todo o planeta. Nessa ótica, o ser humano é o ponto central da questão, onde poderá ser o elemento construtivo do que almeje para si e para a sua comunidade. A relação da psicofera ambiental estabelecida do indivíduo para a comunidade, e vice-versa, será definidora do resgate ou não de um modelo de civilidade e cidadania, criando um novo espaço fora do círculo da violência e do medo, comuns às construções atuais da modernidade. Também, o renascimento dos espaços de civilidade e cidadania virá agregado a fatores culturais, sociais, políticos, econômicos e financeiros; porém, essa relação será estimulada pelo modo de vida da sociedade. É preciso identificar aspectos subjetivos e objetivos da questão do relacionamento das pessoas e compreender que elementos de interação, cooperação e busca de alternativas comuns aos interesses e necessidades das comunidades serão os elementos norteadores para o sucesso, ou não, na criação e renascimento dos espaços de civilidade e cidadania.

Palavras-chave: Indivíduo. Comunidade. Espaços. Civilidade. Cidadania.

Abstract: The construction of a social identity is consolidated in spaces where a series of values consisting of characteristics of each social group are emphasized. This is reflected in a *modus vivendi* and the creed that is established, creating a balanced relationship between individual-space peculiar instances of life of modernity. Thus, this article aims to analyze factors and elements that can build and revive spaces of civility and citizenship in modern times concerning issues such as violence, exclusion and fear, studied in geography and human and social aspects. A characterization of the central sphere of this issue for the construction of spaces and the rebirth of civility and citizenship is embodied in modernity, from the individual to the community, cities, countries and the entire planet. From this perspective the human being is the heart of the subject matter, which could be the craving element for building up something for themselves and their community. The relationship of an environmental psychosphere established by the individual to the community and vice versa, will be defining in the rescue or not of a model of civility and citizenship, creating a new

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e professor da FAFIRE.

space outside the circle of violence and fear common in the present construction of modernity. The same way the revival of the spaces of civility and citizenship , will aggregate the cultural , social , political , economic and financial factors , however, this relationship will be stimulated by a *modus vivendi* and society . It is necessary to identify the subjective and objective aspects such as the relationship among people and understand which elements of interaction , cooperation and search for alternatives of common interests and needs of the communities, these will be the guiding elements for success whether or not in the creation of spaces and the rebirth of civility and citizenship.

Keywords: Individual. Community. Venues. Civility. Citizenship.

Introdução

A análise das Ciências Sociais sobre as questões humanas e sociais evidenciam um forte vínculo para a identificação de caminhos e possibilidades para as sociedades. As Ciências Sociais e Humanas estabelecem reflexões no âmbito da realidade mundial, mas também regional e local, permitindo uma interface de identificação entre as diversas tipologias da sociedade.

Permite-se, também, a busca de fatores diversos correlacionados ao homem e sua vida social, a partir de fatos históricos remotos, bem como, singulares acontecimentos modernos. Essa dualidade de análise geográfica e social permite que se tenha uma visão dos diversos espaços que compõem as relações sociais e os seres humanos. Seja a partir das construções das primeiras civilizações ou perspectiva futura que aguarda o ser humano, identifica-se, no estudo das Ciências Sociais, que as inquietações de seus pesquisadores e estudiosos vêm ao encontro das necessidades e interesses para uma sociedade melhor.

Assim, esse artigo possibilita uma reflexão sobre a questão de qual espaço permite ao homem se concentrar para possibilitar a construção de outros espaços na comunidade, onde a civildade e cidadania se estabeleçam definitivamente como propósitos de todos. A “moderna sociedade é um grande “mosaico” constituído por interesses diversos e específicos de indivíduos e grupos sociais” (MORA, 2002). Todavia, o desafio é a convivência, nestes espaços a serem construídos a partir dos indivíduos, perpassando logo a seguir para a comunidade da qual faz parte, expandindo-se, posteriormente, para o restante do mundo.

Na verdade, a comunidade será fruto efetivo de suas construções internas, a partir de seus cidadãos, caracterizados pelas suas conquistas culturais, sociais, políticas, econômicas e financeiras. Os fatores externos à comunidade, embora tenham seu grau de influência, não são fatores decisivos como mudança para o renascimento e construção de espaços de civildade e cidadania. Podem ser um indutor e facilitador desse processo, mas caberá, sim, à comunidade, a decisão do que lhe interessa e o que pretende ser, permitindo aos seus partícipes novas oportunidades e perspectivas.

A individualidade e a comunidade da civilidade e cidadania

A Geografia faz uso e análise dos espaços geográficos, considerando os aspectos técnicos e sociais existentes, a partir de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza a sua vida e, ao mesmo tempo, cria espaço (SANTOS, 1996). Nesse sentido, são criados vários tipos de espaços, como o espaço técnico, científico, social, informacional, histórico, inovador, espaços de civilidade e de cidadania.

A linha da modernidade, da violência e exclusão com a qual a humanidade hodierna convive se origina nos antros do ser humano, a partir, como preconizou o psicólogo russo Gurdjieff (1935), da origem sistemática em dois estados, em decorrência do seu nível de consciência, isto é, o estado adormecido e o estado desperto, estabelecidos na concretização ou não de espaços de civilidade e cidadania.

A banalidade no trato da vida e/ou os complicados e complexos processos de tratamento da civilidade e da cidadania mundo afora fazem com que haja uma carência singular na busca de alternativas individuais e coletivas nas soluções para os problemas humanos. Nesse sentido, a falta de um equilíbrio interior, associado a uma fraca reflexão sobre o próprio homem, faz ser refém de “si mesmo”, criando um espaço único onde a busca de alternativas individuais leva-o, sobremaneira, a um baixo entendimento do outro e uma conseqüente distância da necessidade de se pensar coletivamente na criação de melhores espaços sociais de convivência na comunidade. Esse procedimento produz no ser humano a necessidade de idéias e resultados imediatos, o que proporciona dificuldades na elaboração de projetos de futuro, gerando um “conflito” e mais uma vez estabelecendo um movimento de individualismo perverso e letárgico, no que tange a soluções coletivas.

Fazendo uma analogia, na análise do psicólogo Gurdjieff (2002), supõe-se caracterizar que o “estado adormecido”, constituído pela grande maioria dos seres humanos, se caracteriza pela busca desenfreada da sobrevivência e pelos fatores individuais de conquistas, única vertente, segundo estes, de ter respostas aos seus anseios, ao passo que o “estado desperto” é constituído por aqueles seres humanos que identificam na busca coletiva o caminho para melhores resultados no trato com os problemas de convivência social, humana e ressurgimento de espaços indutores de melhores possibilidades para o trato da civilidade e da cidadania na comunidade.

A base da civilidade e da cidadania está no crivo coletivo das relações humanas, interligado pelos anseios e buscas individuais e coletivas, articulados numa base de relacionamento mútuo, recíproco e respeitoso.

Assim, as bases das interações da civilidade e da cidadania são compreendidas a partir do resultado das interações sociais, onde, de um lado tem-se as ciências e a tecnologia e, do outro, a cultura, valores e sociedade, representando espaços constitutivos do indivíduo, a construção de uma “nova sociedade”, de forma a

possibilitar a busca de alternativas, na perspectiva de um futuro melhor. Porém, quais cenários efetivos devem ser construídos para o estabelecimento de espaços inovativos, que, principalmente, se estabeleçam na realidade mundial? E quais os elementos dessa “nova comunidade” que busca por segurança, como assevera Bauman (2000), na sua “comunidade como coisa boa”?

Partindo da análise da divisão e estratificação social e geográfica do mundo, estabelecidos pelos organismos mundiais, como a Organização das Nações Unidas – ONU, o mundo se divide em países e/ou regiões desenvolvidas, em desenvolvimento e em subdesenvolvimento (ONU, 2007), caracterizando a formação de dois blocos sociais: o dos países ricos (minorias) e o dos países pobres (maioria).

Os países desenvolvidos, caracterizados e constituídos por forte aparato político-social-econômico, bem como detentores do conhecimento e da informação, têm na divisão do capital e do trabalho um melhor equilíbrio desses fatores, permitindo uma situação de vida em melhores condições aos seus cidadãos. Nesses países, a relação capital e trabalho se concretiza com a conjunção de que 65% do que foi produzido foi a partir do trabalho, ao passo que apenas 35% se origina no capital (ONU, 2007).

Os países em desenvolvimento são representados por estruturas em formação, onde ainda não se consolidaram, principalmente, aspectos de natureza político-sócio-econômica, representados por forte concentração de riqueza, formação de grandes bolsões de pobreza, carência de estruturas e infraestrutura governamentais em atendimento às necessidades da sociedade, e pouca inserção de conhecimento e/ou de informação, e a relação capital-trabalho é inversa à dos países desenvolvidos, havendo forte concentração de riquezas.

E finalmente, os países subdesenvolvidos, caracterizados por uma total ausência político-sócio-econômica, evidenciados com estruturas precárias e/ou inexistentes de atendimento às necessidades de seus cidadãos, explicados pela ausência de um estado de direito e de representatividade, normalmente condicionados a certos tipos de regimes ditatoriais e ou mandatários, sob a falsa e messiânica promessa de dias melhores, alimentando processos internos de disputas, perseguições e guerras singulares locais para a manutenção do poder. Assim, se estabelece uma carência de conhecimento e informação, até porque tais fatores são norteados por interesses específicos de quem detém o poder e pode proporcionar mudanças e decidir quem vive e/ou quem morre. Nesse tipo de situação, a relação funciona apenas, fortemente, pelas bases do capital, onde só alguns detêm o poder e os recursos econômico-financeiros.

Esse trágico cenário da humanidade se estabelece não apenas nas condicionantes da existência efetiva de “dinheiro”, por um país e ou região, mas também frontalmente, pela falta de respeito aos direitos humanos, em qualquer escala, que leva inequivocamente a uma perda de identidade do ser humano e

consequente ausência de civilidade e cidadania. Nesse sentido, basta identificar as questões modernas, dos variados problemas de controle populacional dos países desenvolvidos, na proteção de suas fronteiras, motivados pela violência e o medo, do êxodo humano de regiões mais pobres para as regiões mais ricas.

Trata-se de se estabelecer critérios de “cidadãos”, e não de seres humanos, tornando-se muito mais, e eficazmente, uma questão econômica, e não de preocupação com o ser humano. Pergunta-se: todavia, será que esses países não abririam as suas fronteiras caso essas massas populacionais fossem possuídas de condições econômicas e financeiras “atraentes” aos interesses destes? Nesse sentido, observa-se como os judeus ricos foram recebidos em alguns países, independente do número em que se estabelecessem, ganhando, inclusive, o “status” de cidadãos.

O “status” e o “status reverso” da violência e do medo, a partir do indivíduo, para a comunidade e o mundo

O estabelecimento do processo da civilidade e da cidadania passa, sem sombra de dúvidas, pela quebra dos processos da violência e do medo. O “status” ao qual se colocam a violência e o medo na sociedade moderna é fruto do desequilíbrio das forças que tornam o indivíduo civilizado e cidadão. Essas forças são caracterizadas pela existência de aspectos subjetivos e objetivos. Nos fatores subjetivos tem-se a esperança, a perspectiva e prospectiva, a consciência do bem fazer, todos associados à sua comunidade, ao grupo social, ao seu país, e são utilizados como forma de alimentar o cidadão no credo da sociedade da qual faz parte. Os aspectos objetivos são contextualizados a partir da existência de oportunidades de emprego e trabalho, condições mínimas de sobrevivência, espaços de convivência social, que o cidadão pretende encontrar na sua comunidade, permitindo, dessa forma, que aquilo que foi “sonhado” esteja concretizado onde vive.

Porém, a construção da violência e do medo se caracteriza em parte pela ausência desses aspectos subjetivos e objetivos, que se reproduz de forma específica a partir do individualismo perverso, da falta de tolerância com as minorias, dos acordos políticos, econômicos e financeiros de grupos do poder, do uso de repressão e de forças (psicológicas, econômicas, financeiras, sociais) nas comunidades menos estruturadas, todos permitindo que, dessa forma, se solidifique o “status” efetivo da violência e do medo como maneira singular de se estabelecer uma distância, um fosso, entre os indivíduos e, conseqüentemente, contra a construção de comunidades e sociedades mais solidificadas e justas que façam renascer a civilidade e a cidadania. Todavia, como construir um “status reverso” para a violência e o medo? Que espaços devem ser pensados e descortinados para a civilidade e a

cidadania?

Esse intrincado de fatores está condicionado à inclusão de novos valores, que permitam uma maior reflexão do ser humano, na sua totalidade, quanto ser consciente e fundamental, para a construção de espaços inovativos de interação humana e não apenas político-sócio-econômica.

O descortinar de novos horizontes poderá permitir o estabelecimento de um novo modelo para o mundo de forma sustentada, onde as características da universalização possibilitarão a diversidade e compatibilidade associada à busca de alternativas aos problemas humanos, a autonomia cultural como arte de expressão do ser humano em sua totalidade, o desenvolvimento criativo prospectado em todas as escalas de países, como forma efetiva de cooperação na busca de novos conhecimentos, a prática efetiva e legítima da democracia em todos os singulares modelos de relacionamento social e um forte e singular processo de interpretação dos resultados obtidos, como forma de correção de rota (MORIN, 2000, p. 110).

Será a lógica de novas construções de saberes e caminhos alternativos da identidade humana, diante da civilidade e da cidadania para cada país e a região.

O fracasso e/ou êxito da realidade humana não se condicionará apenas à sua história, mas a critérios de identificação efetiva do que será compelido a se criar no ressurgimento de espaços de convivência que permitam diferenciados processos de agregação de valor social, enquanto alternativa aos estágios econômicos que se está a evidenciar nos dias atuais. Se contrapor a esse modelo é não fazer uma revolução, uma guerra na qual haja mortos e feridos, vencidos e vencedores, mas, como dizia Mahatma Gandhi (1931), “uma revolução silenciosa”, sem dar um tiro sequer, porém, no resgate de fatores interiores a partir do ser humano, indo até aos modelos de cooperação e interação de países e regiões, onde o foco no ser humano é a tônica efetiva de soluções para problemas endêmicos de caracterização do obscuro limiar do conhecimento e sabedoria humanos.

A busca pela civilidade e cidadania não deve ser imposta, mas apresentada como alternativa de relacionamento entre os seres humanos, de forma singular, partindo do indivíduo para a coletividade e a comunidade. Criar-se espaços de civilidade e cidadania é resgatar os interesses humanos, primeiramente, em detrimento dos interesses econômicos e financeiros, buscando alternativas mais evidentes de cunho social, coletivo e comunitário. Nesse cenário, a comunidade, como assevera Bauman (2000), “ganha poder e representatividade”, constituindo-se em uma fonte geradora de oportunidades e perspectivas individuais e coletivas, a partir do local para o

global.

Na sociedade moderna, é inconcebível se viver e conviver numa sociedade extremamente tipificada, onde apenas alguns grupos detêm a maioria das condições dos recursos, em detrimento do grande grupo à margem do processo. É natural, portanto, que esses grupos marginais (que são maioria) criem suas alternativas e busquem meios para a sua sobrevivência, e daí venham ocorrer os conflitos. Esses conflitos se transformam em lutas e guerras de variados portes e tipos, a partir da individualidade de cada ser humano, irradiando, numa escala sem precedentes, problemas e conflitos no local, na região e até globais.

Estabelecer novos paradigmas para a obtenção e êxito do “status reverso” da violência e do medo é focar formas de pensar e agir que permitam uma nova dimensão em entender o conflito no aspecto da informação, isto é, permitir que a violência e o medo fiquem de frente à informação, com ações para a educação, a orientação e a cooperação. Que se faça entender que o homem, em sua biografia, não é “per si”, mas contexto; que os fatos e atos não são fixos, mas que podem ser mudados; que as previsões de futuros não são feitas, mas que podem ser arquitetadas; que o espírito crítico, de como se age, deve partir do indivíduo, mas que fundamentalmente ele atinja a comunidade; que o fato de hoje pode ser danoso, mas que poderá ser repensado constantemente, e entender, como afirma Popper (1994), “tudo é possível na relação humana”. Daí, entender o desenvolvimento das relações sociais na comunidade requer uma análise e reflexão sobre que alternativas podem ser pensadas a partir da busca da civilidade e da cidadania.

O olhar das relações sociais na comunidade – uma alternativa de construção de espaços de civilidade e cidadania

O entendimento da modernidade, violência e exclusão passa pelo crivo de um novo olhar sobre a vida e as relações sociais das comunidades. Esse é o ponto angular de uma visão para fazer banir a violência e o medo e se partir para a construção de espaços de civilidade e cidadania.

Repensando a origem histórica dos egípcios, identifica-se que a origem do pensamento é a tônica da sua formação cultural. A cultura egípcia (WILSON JONH, 1992) trabalhava por duas vertentes: o uso da via lógica, a visão racional e empírica das coisas e fatos, e a via mística, a visão intuitiva onde se procurava inspiração para a criatividade e as questões do conhecimento. Nesse sentido, fazendo um paralelo com a realidade moderna, os valores da via mística, a visão intuitiva têm sido uma ausente no entendimento da comunidade e sociedade moderna, onde o foco é *ter* e não *ser*. Talvez, essa carência de identificação do indivíduo como ser provoque esse fosso de conhecimento e habilidade para a construção de novos espaços, principalmente, espaços estes que preceituem a caracterização de fatores da

civilidade e da cidadania. Obviamente, a construção de comunidades é fruto das ações individuais e coletivas dos seus habitantes, e como tal, são reflexos daquilo que se imagina e se quer construir.

Os alicerces e bases dessa construção de novos espaços de civilidade e cidadania nas comunidades serão frutos efetivos dos investimentos culturais, sociais, econômicos e financeiros que se façam, mas, sem sombra de dúvida, passam, fundamentalmente, pelo que se construiu para a individualidade, na formação do homem e cidadão. Esse talvez seja o dilema da sociedade moderna, em condicionar que aspectos são fundamentais na formatação e estruturação de comunidades organizadas, diante de quadros extremamente complexos. É apenas uma questão financeira? É apenas uma questão econômica? Ou singularmente, uma questão de imbricados eminentemente social, que partem do individual para o coletivo?

A comunidade é templo humano de construções que está atrelado à existência dos espaços que lhe forem sendo construídos. Na proporção em que se criam espaços de violência e medo, que fatores condicionaram esse fato? Observa-se que na modernidade é cabal que pessoas se refugiem em grupos e guetos, eximindo-se ao gosto de qualquer política comum, preferindo a defesa de seus próprios interesses (MARTINS, 2005) e, para tal, estabelecem-se códigos específicos nessas comunidades, onde o uso de regras próprias se consolida e estabelece um cenário de violência e medo, quando conduzidas de forma à manutenção de poder e mando de grupos específicos.

A visão de uma coerência para a construção de espaços de civilidade e cidadania remete à identificação de aberturas desses refúgios comunitários e à inserção de elementos construtivos novos, que proporcionem incondicionalmente a melhorias dos aspectos subjetivos e objetivos dos interesses individuais e coletivos. Assim, a construção de novos espaços de civilidade e cidadania tem o indivíduo como base para *ser* e não apenas *ter*, e a comunidade como centro e foco de convergências comuns, em que interesses antagônicos podem ser discutidos e onde se busca uma “terceira via” (GIDDENS, 2000) com soluções para seus problemas, interesses e necessidades específicos.

Considerações finais

A ordem mundial moderna congrega elementos de violência e medo, seja numa escala macro e ou micro na questão social. Consolidam-se conflitos, no aspecto macro, pelas preocupações e considerações de guerras em diversas partes entre países e nações, motivados por vasto campo de interesses, onde, à custa de inúmeras vidas humanas, o domínio da força e do poder se estabelece. Todavia, pelo lado micro, também se estabelecem elementos da violência e do medo, numa escala menor, que afetam frontalmente aos cidadãos dessas comunidades. E talvez esse

fluxo de transferência da violência e do medo se inicie a partir do indivíduo, enraizando-se para a comunidade, cidades, países e, conseqüentemente, para todo o planeta.

Essa visão faz parte de que a construção e o renascimento de novos espaços se darão na modernidade a partir do indivíduo e da comunidade. O indivíduo e a comunidade deverão estabelecer os novos padrões de civilidade e cidadania que almejam ter. Não são os aspectos e fatores externos que definirão o que o indivíduo e a comunidade terá, mas antes, o como se quer viver e “ser”, ao contrário das questões de como se vive para “ter”. Esse conjunto de interfaces, onde a exclusão, a violência e o medo eclodem, estão arraigados no estilo e no “modus operandi” de como os cidadãos e sua comunidade pensam e agem. Culpa de quem? Interesse de quem? Solução de quem?

O autor Anthony Giddens, no seu livro *A Terceira Via* (2000), reflete sobre o poder da comunidade na construção dos caminhos que lhe serão os mais corretos e sensatos para a solução dos problemas e conflitos que se efetivam nas convivências sociais de seus indivíduos. Demonstra que, entre outros aspectos, a própria comunidade poderá resolver as suas vicissitudes, enfatizando a importância de se discutir os caminhos da comunidade local pela comunidade local. Enfatize-se como as comunidades são construídas e constituídas por indivíduos, e são estes os grandes artífices de como essa comunidade irá funcionar. Óbvio que a dosagem de políticas públicas específicas fará parte do rol de prováveis soluções, todavia, a interferência maior é dos indivíduos sobre os indivíduos, do indivíduo sobre a comunidade, e da comunidade sobre a comunidade.

Entender essa lógica e compreender esse intrincado de fatos, interesses e visões farão parte da agenda mundial e, principalmente, local, para os próximos decênios, dos países e de suas comunidades. O desafio de construção e renascimento para espaços de civilidade e cidadania não se dará sem esforço e articulações sociais as mais diversas, e de quebras de interesses individuais e de grupos hegemônicos que têm e/ou buscam o poder. A modernidade levou e “obrigou” os seres humanos a conviverem com situações as mais diversas, envolvendo elementos nos mais variados aspectos (sejam culturais, sociais, econômicos, políticos e financeiros), na realidade globalizada do mundo, que ora é global e ora local, exigindo, assim, respostas a caminhos antes nunca trilhados e complexos, diante do que existia até então.

Os ambientes psicossomáticos desenvolvidos a partir dos cidadãos e da comunidade estabeleceram na escala individual e coletiva a violência e o medo como resposta à busca de não saídas efetivas para a construção de novos e peculiares espaços em ambientes de civilidade e cidadania.

Talvez, o esforço humano em entender essas questões e conviver de forma a “ser”, mais do que “ter”, seja um início de “volta à floresta”, como no filme de Mel

Gibson, porém, talvez seja preferível ver “a vida por cima do muro”, como enfatiza a música de Lulu Santos, como forma prospectiva de que a partir da individualidade do ser humano seja possível construir e fazer renascer espaços de civilidade e cidadania na modernidade para todos.

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história da devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FRANCO, Divaldo Pereira. **O ser consciente**: pelo espírito de Joanna de Ângelis. Salvador: Alvorad, 1996.
- GANDHI, Mahatma. **Autobiografia**: minha vida e minhas experiências com a verdade. São Paulo: Palas Anthena, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social – democracia. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GURDJIEFF, G.I. **A vida só é real quando “eu sou”**. Rio de Janeiro: Electronic Publishing, 2002.
- JONH, Wilson. **A cultura egípcia**. São Paulo: Fondo de Cultura Economica, 1992.
- MARTINS, Washington. **Repensar a democracia, a tecnologia e pluralismo**. Recife: Livro Rápido, 2005.
- MORA, Luis de la. Aula no Programa de Mestrado e Doutorado de Arquitetura e Urbanismo, CAC. UFPE, 2002.
- MORIN, Edgar. **Les sept savoirs nécessaires à l’education du future**. Paris: Le Seuil, 2000.
- POPPER, Karl R. **La sociedad abierta y sus enemigos**. Barcelona: Paiados Iberica, 1994.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Nobel, 1996.

Recebido em: 16/12/2013

Aprovado em: 25/03/2014

Para referenciar este texto:

CORREIA, Ericê Bezerra. O indivíduo e a comunidade na relação com as questões da violência e do medo: a busca da construção de novos espaços de civilidade e cidadania na modernidade - *status* de humanização ou desumanização? **Lumen**, v. 22, n. 1, p.49-58, jan/jun.2013.